



PRISCILA DÓREA*

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) foi criado em 13 de maio de 1894 para ser um espaço de preservação e produção de conhecimento. Idealizado por intelectuais e notáveis da época, funciona desde 1923 em um casarão na Piedade e se mantém há 132 anos como guardião da memória baiana. Através de documentos, mapas, livros raros, coleções de periódicos e uma pinacoteca, a instituição ajuda a contar parte da nossa história, resguardando o legado cultural do Estado.

A semente que deu origem ao IGHB foi plantada na casa de Tranquilino Leovigildo Torres, advogado, no Largo 2 de Julho. Ele foi o primeiro presidente da instituição e conduziu, junto com outros integrantes, as reuniões preparatórias para a fundação da então sociedade científica. Como aponta A TARDE, na edição de 03 de fevereiro de 1996, no começo, o IGHB era chamado de “Instituto da Bahia”, apelido dado por Bernardino Souza, o primeiro-secretário perpétuo. Depois, passou a ser conhecido como “Casa da Bahia”, a partir de 1923, quando ocupou o casarão da Piedade.

"Bahia, 5 de maio de 1894. Ilmo. Sr. Os abaixo-assinados, de acordo com outros companheiros, resolveram fundar, nesta capital, uma Sociedade que, com o título de Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, reúna, verifique e publique todos os objetos arqueológicos concernentes à nossa história pátria", afirma o documento que anuncia a criação e os objetivos do IGHB.

Publicado na íntegra no livro Síntese Histórica - 125 anos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894-2019), de Wilson Thomé Sardinha Martins, Nilson Joau e Silva e José Nilton Carvalho Pereira, o abaixo-assinado foi pensado e redigido na casa de Tranquilino, que serviu de base para a sociedade recém-formada durante nove dias. O endereço é considerado a primeira sede do IGHB.

Entre os argumentos para a criação da instituição, os fundadores destacaram o exemplo dos estados do Rio de Janeiro (então capital federal), Pernambuco, Alagoas, Ceará e Pará, que na época já possuíam institutos nos mesmos moldes.

"Não pode, nem deve a Bahia, berço da nacionalidade brasileira, ficar na retaguarda dos demais estados, dilatando a fundação dessa instituição que virá prestar serviços reais e incontestáveis", afirma outro trecho do documento histórico de criação do instituto baiano que, em 13 de maio de 1894, foi oficialmente instalado na Rua do Palácio, 29. Além de equiparar a Bahia aos demais estados, a criação do IGHB preencheu o vazio deixado pelo Instituto Histórico da Bahia (IHB), que funcionou de 1856 até 1877.

Casa republicana
Na tese O progresso, a cidade e as letras: O in-

Há 132 anos IGHB RESGUARDA LEGADO CULTURAL E HISTÓRIA BAIANA

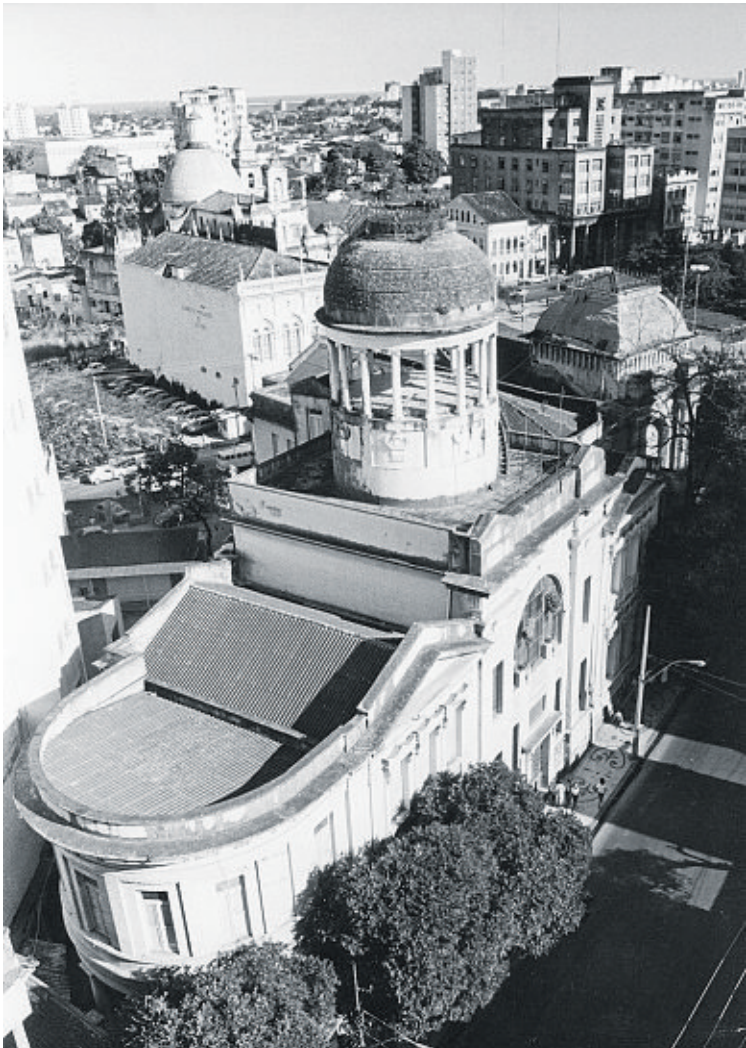
ANIVERSÁRIO Conhecido também como a ‘Casa da Bahia’, instituto foi fundado em 13 de maio de 1894 por intelectuais empenhados em preservar documentos raros

Francisco Galvão / Cedoc A TARDE / 13.5.1998



Sede do IGHB funciona perto da Piedade desde 1923

Cedoc A TARDE / 2.6.1988



Casarão da Avenida Joana Angélica nos anos 1980

Aristides Baptista / Cedoc A TARDE / 13.5.1993



Salão nobre do instituto é decorado com fotos de figuras históricas



A TARDE Cultural de 1996 sobre os 80 anos do IGHB

telectual e a transição do século XIX para o XX em Salvador da Bahia, a cientista social Cecília de Alencar Serra e Sepúlveda explica que, ao assumir a função de aproximar a Bahia das intenções modernizadoras do regime republicano, o IGHB "acabou

obtendo apoio do governo e da sociedade civil, o que lhe possibilitou um destino longo, bem distinto do fim precoce a que foi submetido o antigo IHB".

Historiador e atual diretor da biblioteca do instituto, que foi batizada em homenagem a

Ruy Barbosa, Rafael Dantas reitera que a fundação do IGHB aconteceu no momento em que o Brasil assumia outra configuração política e social com o fim da monarquia e os anos iniciais da república.

"Temos uma série de turbulências no contexto brasileiro e baiano nas últimas décadas dos anos de 1800 e pessoas sensíveis se unem justamente para resgatar e criar, através de um instituto e de outras bases existentes nas décadas anteriores, inclusive do ponto de vista institucional, a Casa da Bahia", acrescenta.

O Instituto permaneceu na Rua do Palácio até outubro de 1894, quando mudou para a Rua da Misericórdia, 6, prédio pertencente à Santa Casa. Em 1900, finalmente, o IGHB conquistou a primeira sede própria, no Terreiro de Jesus, 15, onde ficou até

14 de setembro de 1913. Um incêndio destruiu o prédio e a restauração levou quase dois anos. Nesse meio tempo, o IGHB se instalou no Instituto Médico Legal.

Só em 2 de julho de 1923 o IGHB se mudou para o endereço da Piedade, a sexta sede. A mudança de local para a Casa da Bahia fez parte das comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil na Bahia, ocorrida em 2 de julho de 1823.

"E, assim, desde a década de 1920, o IGHB ocupa este prédio como sede definitiva, este palco de memórias que contam as histórias de Salvador, da Bahia e do Brasil. Um lugar marcado pela multiplicidade de fontes", diz Rafael.

Na Biblioteca Ruy Barbosa estão abrigados 30 mil livros, alguns em edições raríssimas como uma de 1880 de Os Lusíadas, de Camões, e uma bíblia de 1579. Além dos livros, há uma vasta coleção de jornais também desde o século XIX, inclusive o IGHB mantém coleções de A TARDE desde a fundação do jornal, em 1912; acervo cartográfico; manuscritos; diários; atas; documentos e coleções privadas.

"Esse acervo oferece um vislumbre de como as coisas eram na Bahia e são essenciais para as pesquisas realizadas no IGHB. Além do documental, o mobiliário, as mesas, cadeiras, quadros, molduras, porcelanas, objetos decorativos, cristais, medalhas, espadas e lápides tam-

bém ajudam a contar a história de Salvador e de seus personagens", lista Rafael Dantas.

Há, ainda, a pinacoteca do instituto, que preserva personagens com atuação política, intelectual e acadêmica da Bahia. Entre os artistas com obras no acervo estão nomes importantes da pintura como Presciliano Silva, Lucílio de Albuquerque, Vieira de Campos, Miguel Navarro e Cañizares, José Rodrigues Nunes, Vienot et Morisset, Ernest e August Petit, entre outros. O IGHB reúne também retratos de políticos e intelectuais como Ruy Barbosa, Luís Viana Filho e Manuel Querino; e dos presidentes da instituição ao longo dos anos.

Manuscritos raros
No acervo do IGHB, o Arquivo Histórico Theodoro Sampaio reúne entre as raridades manuscritos de poemas de Castro Alves, autógrafos da Sórora Joana Angélica, e até fotografias da passagem de Getúlio Vargas pelo Lobato, no Subúrbio Ferroviário.

O Instituto recebeu arquivos particulares também de Antônio Moniz Ferrão, Braz do Amaral, e Manoel Ignácio da Cunha Menezes, Barão do Rio Vermelho. Há, ainda, alguns documentos do historiador Pedro Calmon, cartas de Severino Vieira e arquivos da professora Consuelo Pondé de Sena, que presidiu o IGHB.

Na hemeroteca (coleção de periódicos), o instituto possui edições

de A TARDE e de outros jornais baianos ativos; além das coleções de jornais diários do século XIX, como o Correio de Notícias (1892), o Diário da Bahia (1856), o Diário de Notícias (1875) e a Gazeta do Povo (1907), entre outros.

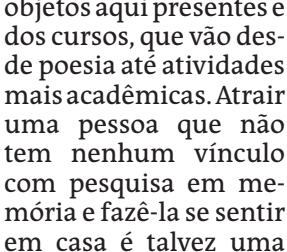
A trajetória do próprio IGHB é encontrada nas páginas dos periódicos. Notícias sobre novos presidentes e lançamentos das revistas do instituto, por exemplo, sempre marcaram presença em A TARDE, assim como apelos pela preservação de infraestrutura e acervo, como na edição de 18 de julho de 1991. Na época, as obras de recuperação da sede na Piedade já duravam dois anos, mas a finalização demorava por falta de recursos.

Os cursos e palestras oferecidos pela instituição também sempre tiveram ampla divulgação e cobertura na imprensa. Com uma programação que foi se diversificando no correr dos anos, o IGHB organiza atividades abertas não só ao público acadêmico, mas principalmente para os jovens. Ao receber o público em geral, a instituição aproveita para mostrar a riqueza do seu acervo e caminhos futuros de estudo e até carreira.

"Foi o professor Agilsson Gomes da Silva, diretor do colégio onde eu estudava, a primeira pessoa que me trouxe ao IGHB e me apresentou, na época, a Consuelo Pondé, que nos mostrou como o instituto funcionava. Eu estava na quinta série [atual sexto ano do Ensino Fundamental]. Desde então se passaram muitos anos, cursei História e hoje sou diretor da biblioteca do IGHB e lembro com muito carinho desse momento", conta Rafael Dantas.

O historiador explica que pensar em um instituto como o IGHB ou qualquer outra entidade com essa finalidade cultural, é sempre destacar o seu caráter social. "É um espaço que congrega através dos objetos aqui presentes e dos cursos, que vão desde poesia até atividades mais acadêmicas. Atrair uma pessoa que não tem nenhum vínculo com pesquisa em memória e fazê-la se sentir em casa é talvez uma das missões mais interessantes e bonitas do IGHB. Se enxergar por esses novos ângulos e espaços de memória é de uma representatividade fundamental, pois história é identidade. História é o que somos. E o que somos também está aqui no IGHB", afirma o diretor.

APONTE A CÂMERA DO CELULAR E ACESSE CONTEÚDOS DO A TARDE MEMÓRIA



*COM A COLABORAÇÃO DE TALLITA LOPES

*OS TRECHOS RETIRADOS DAS EDIÇÕES HISTÓRICAS DE A TARDE RESPEITAM A GRAFIA DA ÉPOCA.

MATERIAL ELABORADO COM BASE EM EDIÇÕES DE A TARDE E ACERVO DO CEDOC/A TARDE